

Flávia Cristina Soares

A PICHANÇA DE JOVENS NO CONJUNTO TAQUARIL

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro
2010

Flávia Cristina Soares

A PICHANÇA DE JOVENS NO CONJUNTO TAQUARIL

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração Pública da Fundação João Pinheiro, como requisito para obtenção do título de Especialista em Gestão Social.

Orientadora: Flávia de Paula Duque Brasil

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro
2010

S676p SOARES, Flávia Cristina

A pichação de jovens do Conjunto Taquaril / Flávia Cristina Soares. – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro /Escola de Governo Prof.º Paulo Neves de Carvalho, 2010.

60 f.

Orientador: Prof.ª Flávia de Paula Duque Brasil.

Monografia (pós-graduação) – Fundação João Pinheiro /Escola de Governo Prof.º Paulo Neves de Carvalho. Programa de pós-graduação em Administração Pública – Gestão Social.

1. Pichação. 2. Identidade. 3. Apropriação de espaços. 4. Programas Sociais.

CDU: 362.74(815.11)

Flávia Cristina Soares
A pichação de jovens no Conjunto Taquaril

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração Pública da Fundação João Pinheiro, como requisito para obtenção do título de Especialista em Gestão Social.

Flávia de Paula Duque Brasil (Orientadora) – Fundação João Pinheiro

Belo Horizonte, 05 de abril de 2010

Ao amor dos meus pais,

Vicente e Marlysia

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por acreditarem, a cada momento, nos passos que desejo seguir. Aos meus irmãos pela companhia, pelas conversas e pelos ensinamentos. São lembranças que sempre estarão presentes na memória e no coração...

Minha especial gratidão à amiga e companheira Maria Eugênia, que colaborou com intervenções para a produção desta monografia. Suas observações me fortaleceram para que eu acreditasse neste trabalho.

Meu sincero agradecimento ao amigo Daniel Rabelo, pelas longas discussões sobre o tema da pesquisa.

Agradeço à Flávia Coutinho, que acolheu este trabalho de maneira generosa, escutou minhas angústias durante a produção desta pesquisa e, com muito carinho, contribuiu para a escrita da monografia.

Em especial, agradeço aos jovens e aos moradores do Conjunto Taquaril, que forneceram dados significativos para a construção e consolidação deste trabalho. Investigar sobre sua comunidade, território e identidade me inspirou vida e me possibilitou acreditar na construção de um mundo melhor.

Agradeço minha orientadora, Flávia Brasil, pois, com muito empenho, me acolheu, orientou e expressou palavras de confiança e dignidade. Obrigada pelo apoio e incentivo!

Finalmente, agradeço ao Rodrigo, por me proporcionar a realização de sonhos e demonstrar que o tempo fortalece a alma.

*Eu picho de escada ou então eu vou na escalada
na calada da noite eu vou varando a madrugada
pichando a sua parede pintada, não quero nem saber
o vício é rebelde só pra você não esquecer
correr o risco de morrer e de ser preso é normal
aprendi a charpi no Cachambi eu sou local
é a galera maldita que habita na pista
alpinista indo pro alto da Boa Vista
vou comprar lata, no jacaré a tinta tá barata
5 preto fosco, 1 verde e 2 prata
pra ficar bonito, por isso que a gente picha
escala prédio alto que nem uma lagartixa
brincando de homem aranha, o charpi é cultura
enlouquecidos somos atraídos pela altura
cuidado com a viatura pra você não tomar um esculacho
coloco nome até de cabeça pra baixo
em cima do telhado, aproveito e pego também o prédio do lado (...)*

MC Leonel

RESUMO

Essa investigação analisa os relatos de moradores e jovens pichadores do Conjunto Taquaril, localizado na região leste de Belo Horizonte, no período de Julho à Outubro de 2009. A formação de constituição de identidades pode ser verificada pela atuação dos grupos de pichadores estudados (Possuídos pela Arte Maligna e Bonde dos Jacarés) através dessa prática que possui como característica a marca de um nome estilizado estampado nos muros. Esta atuação provoca o reconhecimento e a visibilidade social dos jovens pertencentes ao grupo. O Conjunto Taquaril considerado como a região que possui o pior índice de qualidade de vida na cidade e agravado pelas condições históricas, sociais e geográficas facilita a demarcação territorial feita pelos jovens dentro da própria área. O efeito da apropriação de espaço pela juventude fomenta a disputa pelas marcações na comunidade e na cidade através de atos violentos e de criminalidade. Esta pesquisa revela algumas percepções acerca deste contexto e os resultados apontam para uma possível intervenção com a finalidade de prevenir a criminalidade local e fornecer “novas” possibilidades de identificações para os jovens em condições de subalternidade e fomentar a implementação de projetos e programas sociais para a inclusão em espaços de lazer, esporte, educação, cultura e geração de renda.

Palavras chave: Pichação, identidade, apropriação de espaços e programas sociais.

ABSTRACT

This monograph analyses the accounts provided both by residents and groups of young taggers who live in Conjunto Taquaril, a neighborhood located on the East side of Belo Horizonte, around the period comprised between July and October 2009. It is assumed that the constitution of the identity of the taggers' groups studied herein (Possessed by a Malignant Art and Alligator's Team) is based on how they strive to perform the tagging itself, a practice whose main characteristic is to write a stylized name on a wall. Such a practice brings recognition and social visibility to those who belong to the groups of taggers. The Conjunto Taquaril, considered to be the city's region with the lowest level of life quality, facilitates for the gang-like groups to establish sectional boundaries within the neighborhood, due to its historical, social and geographical situation. As a result of the former, violent clashes erupt between the groups, since there is an explicit competition to tag, whether in the city or within the neighborhood area. That competition also increases the criminality rates as a whole. This research presents some new perceptions about the mentioned context, and its results point towards a possible intervention aimed at preventing the occurrence of criminality, at the same time that it provides "new" possibilities of identity formation to the youth who are presently in subaltern conditions. More importantly, this research confirms the necessity of implementing social assistance programs and projects with focus on sports, education, culture and income generation.

Key words: Tagging, identity, sectional boundaries, social programs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Foto mostrando uma vista parcial do Conjunto Taquaril	13
FIGURA 2 – Foto do evento Praça Viva, Cidadania Ativa.....	15
FIGURA 3 – Foto de Pichação.....	29
FIGURA 4 – Foto de Grafite.....	30
FIGURA 5 – Mapa de Belo Horizonte mostrando a divisão administrativa em suas nove regionais.....	33
FIGURA 6 – Foto tirada de satélite do Conjunto Taquaril.....	35
FIGURA 7 – Foto de uma vista parcial do Conjunto Taquaril.....	36
FIGURA 8 – Foto de residência, localizada no Taquaril A, que foi pichada pelos jovens pertencentes ao PAM.....	40
FIGURA 9 – Foto de estabelecimento comercial, localizado no Taquaril A, que foi pichado pelos jovens pertencentes ao grupo PAM.....	40
FIGURA 10 – Foto do quintal da casa de um jovem do grupo PAM, no Taquaril A.....	41
FIGURA 11 – Foto dos jovens que assinam Scol e Farc, pertencentes ao grupo BDJ.....	42
FIGURA 12 – Foto mostrando a pichação de Slim, Snaco e Sol, localizada na Rua Jequitinhonha, bairro Vera Cruz, feita por jovens da PAM.....	44
FIGURA 13 – Foto mostrando a pichação Spim, Stom, Menor e Snaco, localizada na Rua Niquelina, bairro Saudade, feita por membros do grupo PAM.....	45
FIGURA 14 – Foto mostrando a pichação Slim, no Cemitério da Saudade. Autoria do jovem pertencente ao grupo PAM.....	45
FIGURA 15 – Foto mostrando a pichação Scol, no Cemitério da Saudade. Autoria do jovem pertencente ao grupo BDJ.....	46
FIGURA 16 – Pichação dos jovens da PAM na Avenida dos Andradas.....	46
FIGURA 17 – Grapicho feito pelos jovens do grupo PAM.....	48
FIGURA 18 – Local onde os jovens do PAM se reúnem durante a madrugada.....	49
FIGURA 19 – Pichação feita pelo próprio jovem que ajudou a construir o muro.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDE –	Bonde do Escadão
BDJ –	Bonde dos Jacarés
BDP –	Bonde dos Pirús
CDP –	Comando dos Prostitutos
CODEURB –	Companhia de Desenvolvimento Urbano de Minas Gerais
CRISP –	Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública
MDA –	Manipuladores da Alma
MDE –	Melhores do Escadão
NPC –	Núcleo Prevenção à Criminalidade
ONU –	Organização das Nações Unidas
PAM –	Possuídos pela Arte Maligna
PCT –	Primeiro Comando do Taquaril
SPEC –	Superintendência de Prevenção à Criminalidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. A QUESTÃO DAS IDENTIDADES.....	18
2. A QUESTÃO DOS ESPAÇOS.....	24
2.1 Pichação <i>versus</i> grafite: escolhas.....	28
3. A QUESTÃO DOS JOVENS.....	31
3.1 Pertencimento <i>versus</i> reconhecimento: testemunhos.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXOS.....	54

INTRODUÇÃO

Esta monografia possui como proposta investigar a pichação dos grupos de jovens no Conjunto Taquaril para, a partir disso, verificar como ocorre o processo de constituição de identidades e a demarcação de território naquela região da cidade. A finalidade é contribuir para a melhoria dos projetos e programas sociais que possuem como público alvo os jovens pichadores.

O Taquaril está localizado na região Leste de Belo Horizonte, dividido em 14 setores, sendo que dois deles pertencem ao município de Sabará. A população local é de 30.204 habitantes. Segundo os relatos dos moradores, a área ocupada pertencia à CODEURB – Companhia de Desenvolvimento Urbano de Minas Gerais. Após reivindicações dos movimentos dos “sem casa”, que residiam na região em condições precárias, a Prefeitura de Belo Horizonte parcelou a área para abrigar aquelas famílias. Ficou determinado que as casas deveriam ser construídas no prazo máximo de três meses e, por isso, enquanto os homens trabalhavam nos empregos formais e informais, as mulheres erguiam as construções. As ruas foram batizadas com nomes de bairros de Belo Horizonte.

Após a apropriação das terras pelas famílias, a área cresceu desordenadamente, tendo atingido as matas verdes e os córregos da região. Um crescimento desordenado, aliás, é fator preponderante quando se trata de ocupações em áreas de risco. Daí, segundo o censo demográfico realizado em 2000, o Conjunto Taquaril é o local que apresenta o pior índice de qualidade de vida entre os aglomerados de Belo Horizonte.

O interesse em abordar o fenômeno da pichação como tema desta pesquisa foi suscitado pelas observações feitas durante o trabalho realizado pelo Programa Fica Vivo!¹, subordinado a Superintendência de Prevenção à Criminalidade do Estado de Minas Gerais. A comunidade local solicitou ao técnico responsável pelo desenvolvimento das atividades que interviesse junto aos grupos de pichadores. Com tal dinâmica social, o interesse em pesquisar

¹ O principal eixo de atuação do Programa Fica Vivo! é a Intervenção Estratégica, composta pelo Ministério Público, Juizado da Infância e Adolescência, Promotoria, Polícia Militar e Polícia Civil, além de pesquisadores da área de Prevenção Social, e tem seu foco na articulação de oficinas que abordam aspectos da cultura da violência e da prevenção social. Fonte: Favela é isso aí

os grupos de pichadores – e questionar os motivos dos *rabiscos* em muros e calçadas – foi fundamental para propor uma investigação que contemplasse os conceitos de identidade e território a partir da prática da pichação.

O programa mapeou os grupos de pichadores e discutiu, em conjunto com os oficinairos², grupo de mobilização³ e moradores, quais seriam as possíveis estratégias de intervenção na atuação dos pichadores, principalmente diante dos conflitos estabelecidos. As oficinas oferecidas pelo programa foram definidas estrategicamente com o objetivo de atender aos pichadores. Com a articulação entre os atores mencionados, o programa ofereceu oficinas de comunicação, grafite, axé e mobilização sócio-cultural, visando atender a demanda dos jovens e, posteriormente, possibilitar a implantação de uma política de prevenção à criminalidade no local.

Outra ação desenvolvida pelo Núcleo de Prevenção à Criminalidade⁴, denominada *Rede Segura*⁵, desenvolveu o projeto *Praça Viva, Cidadania Ativa* com o intuito de revitalizar a Praça Che Guevara. Isso contou com a participação dos jovens que depredavam os espaços públicos da região – principalmente os pichadores – e, com o apoio dos oficinairos, os participantes foram convidados a executar o projeto. Os jovens elaboraram um material de intervenção na saúde, educação e instituições locais com a finalidade de conscientizar a comunidade acerca da preservação dos espaços comunitários. Os participantes da oficina de grafite discutiram com o oficinairo propostas para a conscientização da comunidade local e construíram os moldes dos desenhos que seriam estampados na praça. A oficina de comunicação editou um documentário que registrou o movimento das instituições, jovens e representantes da comunidade para alcançar, com êxito, o objetivo do projeto. O registro dessas ações promoveu o reconhecimento dos jovens em outras práticas, diferentes da pichação. A oficina de axé consolidou uma coreografia para que os jovens pudessem apresentar no dia da revitalização da praça e em outros espaços da cidade.

No dia destinado à revitalização, foi possível perceber a presença dos grupos de territórios diferentes se encontrando para a reconstrução da praça. O aspecto fundamental para o programa consistia no encontro dos jovens de diferentes grupos e na possibilidade de

² Oficinairos são moradores da comunidade que possuem conhecimento na área do esporte, lazer, cultura ou inclusão produtiva, e articulam a Segurança Pública.

³ Grupo formado por jovens articuladores da Segurança Pública e responsáveis por construir projetos locais para a juventude.

⁴ O núcleo é composto pelo Programa Fica Vivo! e Programa Mediação de Conflitos.

⁵ O CRISP (Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública) foi contratado pela SPEC (Superintendência de Prevenção à Criminalidade) para desenvolver o Curso de Gestores com a finalidade de capacitar agentes locais em relação à criminalidade da região e elaborar um Plano Local de Prevenção à Criminalidade.

proporcionar um momento de convivência entre eles. A circulação dos jovens de regiões distintas da comunidade foi essencial para intervir nos conflitos entre os grupos, uma vez que o principal objetivo era a construção de um espaço que seria utilizado por toda comunidade. Este momento marcou o cotidiano dos grupos de pichadores, observando-se entre eles o abandono das práticas violentas e dos conflitos para a participação nas atividades.

Com a finalidade de avaliar o impacto desta intervenção na vida dos jovens, foi realizado um encontro com os participantes das oficinas, no qual um dos atendidos pelo programa relatou a dificuldade em “segurar os dedos” para não pichar a praça revitalizada. Em contrapartida, outras questões surgiram diante desta pesquisa, *e.g.*, os participantes das oficinas e do projeto não depredaram a praça, porém, apenas dois meses após a conclusão do trabalho de revitalização, um novo grupo surgiu e pichou o local. Os jovens participantes das oficinas também continuaram a praticar a pichação, tanto na comunidade quanto na cidade.



FIGURA 2 – Foto do evento *Praça Viva, Cidadania Ativa*, que contou com a participação de jovens pichadores na revitalização da Praça Che Guevara, localizada no Taquaril B, em julho de 2009.

Fonte: Arquivo pessoal.

Diante da situação descrita, é importante refletir sobre a medida em que os programas sociais na comunidade do Taquaril se deparam com situações de violência ocasionadas pelos jovens pichadores. Para Soares, MV Bill e Athayde (2005, p.167) “não ser visto significa não participar, não fazer parte, estar fora, tornar-se estranho.” Dessa forma, pode-se pensar que as palavras escritas nas paredes e muros, simbolizando o nome de um grupo, assinala a presença daquele que o pratica. Se a pichação é uma maneira do indivíduo tornar-se visível, quais seriam as intervenções possíveis neste contexto? Como fazer para trabalhar com os jovens a questão da visibilidade social considerando a vida como aspecto

primordial? O “atropelo” ou “rasura” – denominação que se dá quando um pichador escreve um nome sobre outro já pichado anteriormente – é uma prática motivadora de atos violentos e de tentativas de homicídio no Conjunto Taquaril. Sendo assim, depara-se com a seguinte questão: como acessar estes jovens e estabelecer entre eles formas possíveis de convivência?

A compreensão deste fenômeno na comunidade investigada possibilita interferir na dinâmica criminal local e preservar a vida dos jovens envolvidos com esta prática. Portanto, esta pesquisa se interessou pelo modo como estes grupos se constituem, o perfil dos jovens envolvidos e em como é realizada a pichação, de modo a potencializar as pesquisas em torno do tema. Com o desenvolvimento do projeto *Praça Viva, Cidadania Ativa* verificou-se a necessidade de identificar os motivos que levam a juventude à prática da pichação. Aqui, o intuito é de melhor qualificar as intervenções oferecidas à comunidade. No entanto, o levantamento de informações acerca destes grupos promoveu uma apropriação do tema abordado e possíveis indagações acerca da pichação praticada por jovens daquela localidade. Localizar a pichação e as manifestações da juventude neste contexto provoca, assim, um entendimento da realidade social local, possibilitando a produção de um material adequado para a intervenção na perspectiva da proteção social.

O caráter exploratório dessa pesquisa permitiu alcançar os objetivos da investigação, pois estava centrado no diagnóstico dos grupos de pichadores do Conjunto Taquaril e na compreensão do fenômeno da pichação relacionado aos atos violentos praticados por aqueles jovens. A metodologia adotada partiu de uma revisão bibliográfica que contemplou os temas relacionados à pichação, identidade e território. Para obter maiores informações, a pesquisa documental nas instituições localizadas na região foi fundamental para conhecer a história do bairro e o movimento da juventude, no que diz respeito às formações de grupos. As entrevistas semi-estruturadas – abordando as características da pichação e da juventude, formação de grupos e relação com a comunidade – possibilitaram colher dados em relação aos grupos investigados no período entre 01º de julho de 2009 e 15 de outubro de 2009. A escolha dos entrevistados foi feita através de levantamento de informantes-chave em relação à percepção da prática da pichação na comunidade. Os aspectos primordiais para a escolha do entrevistado consistiam em ser morador da região do Taquaril A ou B, possuir uma percepção da juventude local, ser uma referência para a comunidade e ter a moradia pichada. A escolha dos jovens foi feita a partir do vínculo estabelecido com os grupos de pichadores – vínculo criado através da implementação das oficinas realizadas pelo Programa Fica Vivo!

O Capítulo 1 aborda o processo de constituição de identidades em sua dimensão histórica e social. No entanto, a pichação é entendida, neste contexto, como uma forma de

reconhecimento e visibilidade social. É fundamental ressaltar que a juventude das camadas populares é compreendida dentro do seu processo histórico e na maneira singular com que cada jovem se identifica com o espaço. Por fim, a relação entre os grafismos urbanos e o processo de constituição de identidades (consideradas como uma extensão da individualidade e como estética da pichação) serão abordados nesse capítulo.

O Capítulo 2 refere-se aos aglomerados como um espaço produzido na cidade e sua apropriação pode ser remetida à noção de território. Diante de tal contexto, os jovens criam laços através da proximidade entre as moradias e os graus de parentesco, demarcando, assim, o território. Isso propicia a divisão do local e também uma dificuldade para a circulação dos jovens em áreas nas quais eles não “pertencem”. Resulta daí a violência como resposta à prática da pichação.

No Capítulo 3, a análise dos dados produzidas a partir desta pesquisa permite verificar as formas de obtenção de reconhecimento social pelos jovens, a maneira como estabelecem a demarcação territorial e a violência produzida pela prática de pichação. Este capítulo destaca as *falas* de moradores e jovens, colhidas nas entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo. A pichação no Taquaril e na cidade pode ser verificada através das fotos produzidas com os jovens pichadores. Diante de tais considerações, é preciso enfatizar a importância das políticas sociais para a intervenção junto a esse contexto.

1. A QUESTÃO DAS IDENTIDADES

A prática da pichação feita pelos grupos de jovens do Conjunto Taquaril possibilitou estabelecer uma relação com o processo de constituição de identidades. Esta pesquisa demonstra que os grupos propiciam um reconhecimento dos jovens na própria comunidade e uma visibilidade social estampada na cidade. Este capítulo inicial efetua uma discussão

exploratória sobre esta noção – sem pretender efetuar uma revisão exaustiva – tendo em vista a busca pela visibilidade e o reconhecimento social promovido através da pichação.

Para compreender a identidade dos jovens no Conjunto Taquaril, foi necessário investigar este conceito em sua dimensão histórica para, a partir disso, verificar o “lugar” que os grupos possuem na contemporaneidade. Ressalta-se Stuart Hall (1987) que destaca três concepções de sujeito: do iluminismo, sociológico e pós-moderno. O sujeito do iluminismo é caracterizado por um indivíduo “centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (1987, p.11). Neste contexto, o autor destaca que a identidade permanecia ao longo da existência do sujeito de uma maneira individualista, marca desta época que se propunha a contestar um modelo social baseado na tradição, no mito e no uso do poder de uma forma arbitrária, deslocando, assim, o sujeito para um projeto coletivo. Como sustenta David Harvey, o pensamento iluminista foi “um movimento secular que procurou desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de seus grilhões” (HARVEY, 2009, p.23).

Após este período histórico, Hall (1987) ressalta o surgimento do mundo moderno e de uma dimensão na qual o indivíduo centrado não era suficiente para estabelecer um processo de constituição de identidade. O sujeito sociológico demonstra a necessidade de interação entre o indivíduo e a sociedade, no qual a essência interior do sujeito se forma a partir das relações estabelecidas com o mundo exterior e as identidades que este mundo lhe oferece. Essa identidade preenche uma lacuna entre o mundo pessoal e o mundo público, suturando o sujeito à estrutura, tornando ambos unificados.

Para contextualizar a pesquisa realizada no Conjunto Taquaril em relação à pichação, interessa percorrer os estudos propostos por Hall (1987) a partir do questionamento em relação à crise de identidade na pós-modernidade. Ele sustenta que a cultura pós-moderna é caracterizada pela formação de identidades fragmentadas, ressaltando a possibilidade de serem transformadas pelas maneiras como os sistemas culturais representam o indivíduo. Diante desse argumento, o sujeito pode assumir diferentes identidades em diversos momentos. Como a pós-modernidade provoca uma multiplicidade dos sistemas de significação, os indivíduos constroem possibilidades de identificação diferenciadas em cada aspecto da sua vida (HALL, 1987).

Outros fatores fundamentais para se pensar a identidade da pós-modernidade referem-se ao processo da modernidade tardia e ao efeito da globalização nos países em desenvolvimento, provocando nas sociedades mudanças constantes e rápidas. Como consequência desse processo surge a transformação do espaço na cidade. Para Ernest Laclau

(1990), as sociedades de modernidade tardia são caracterizadas pela diferença, implicando numa variedade de posições de sujeitos. Ele argumenta que as identidades pós-modernas são positivas devido às diferenças que são impostas pela sociedade com a finalidade de desarticulá-las perante o passado e possibilitar a criação de novas identidades (LACLAU, 1990). No entanto, a sociedade pós-moderna fomenta uma pluralidade de identidades, uma vez que os indivíduos se interagem de maneira dinâmica em um contexto global. Para McGrew (1992),

a 'globalização' se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da 'sociedade' como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço (MCGREW, 1992, p.68).

Sendo assim, a globalização influencia nas formas de relacionamentos locais, propiciando a transformação das identidades. Com este efeito, os grupos se identificam com as dimensões do espaço e se representam de uma maneira particular para obterem uma condição de reconhecimento social. Assim, considera-se que a globalização não se impõe para unificar os relacionamentos, mas, justamente, para marcar a diferenciação no modo de interagir entre os indivíduos inseridos em grupos e que se identificam para a consolidação de um objetivo. De acordo com Hall (1987, p.78) é “improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. Há uma probabilidade de produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’.” Segundo os estudos propostos por Hall (1987), através do processo de constituição de identidades pode-se verificar um *fortalecimento* de identidades locais e a produção de *novas identidades*.

Em contrapartida, mesmo sendo moradores da região onde se considera haver o pior índice de qualidade de vida em Belo Horizonte, os jovens do Conjunto Taquaril se identificam com a representação do espaço enquanto uma favela. Esse espaço povoado – daí a denominação “aglomerado” – possui como principais características um alto índice de desigualdade social, fácil acesso a armas de fogo, locais apropriados para o consumo de drogas e falta de políticas públicas de inclusão e geração de renda. Como consequência deste fato, a sociedade percebe aquele local de maneira preconceituosa, concebendo aos moradores das favelas a imagem da violência (NAIFF; NAIFF, 2005). De acordo com as estatísticas

mencionadas por Demo (2002), 12,9% dos brasileiros vivem em situação de extrema pobreza, concentrados nas periferias das grandes metrópoles brasileiras, o que favorece a consolidação e o crescimento da criminalidade.

Paulo César da Costa Gomes (2003) considera que a favela possui características marcantes, tais como a pobreza e a desorganização social. Estas características são fundamentais para se indagar o espaço do aglomerado na cidade e também considerar as formas de controle e coerção social como precários e ineficientes. Para o autor, a favela e a cidade são dotadas de uma ruptura total que se divide entre a cidade formal e informal, “cada qual com sua moral, seus costumes, seus valores” (GOMES, 2003, p.173). Ele introduz alguns levantamentos importantes observados nos aglomerados, que são caracterizados como um espaço em que a comunidade ocupa toda a área e se apropria de todos os lugares, acarretando na imposição de obstáculos impeditivos à circulação dos moradores através de sua própria região. De acordo com Gomes (2003), o excesso de construções e a ausência de espaços entre elas podem interferir na presença do Estado naqueles locais. Para explicitar a favela, Gomes ressalta que,

dessa forte concentração de usos e apropriações, resulta uma sensível compartimentação, como se cada pequena parcela de área necessitasse de uma atribuição específica, de uma qualificação. (...) Os espaços tendem, assim, a apresentar uma forte densidade de ocupação e uma divisão em variadas parcelas, seguindo um padrão ‘orgânico’, ou seja, a compartimentação vai sendo construída na medida em que se acentua a pressão e a disputa de diferentes usos ou de diferentes agentes. Dessas pressões deriva um tipo de morfologia irregular, assimétrica, estabelecida ao sabor da composição de forças de cada momento e dos recursos e interesses que lhes são específicos (GOMES, 2003, p.173).

Estes argumentos são necessários para se pensar na constituição dos grupos de jovens das camadas populares. A falta de políticas públicas, de programas ou de projetos para oferecer aos jovens outras formas de construção de identidade, fomenta a inserção deles na prática de atos infracionais ou criminosos, na medida em que o fácil acesso à ilegalidade é uma característica fundamental dos espaços onde vivem.

Coura (2009) investiga a segregação e a diferenciação social no espaço urbano a partir da trajetória de jovens moradores de periferias. A favela, como um local de moradia, possui representações significativas para o reconhecimento dos jovens, na medida em que se sentem pertencentes àquele local, projetando comportamentos diante da forma como se apropriam da cidade. Os dados colhidos através dos entrevistados por Coura possibilitaram verificar que as práticas sociais concebidas nos espaços de moradia demonstram a maneira como se conduzem na cidade, principalmente, por uma posição de subalternidade. A autora expressa que os

jovens carregam em si mesmos a periferia nos espaços em que circulam, vivenciando “os imperativos simbólicos da segregação urbana através da introjeção do estigma” (COURA, 2009).

A baixa renda e a segregação espacial observados nas favelas, aliados à sociedade de consumo evidenciada, principalmente nos grandes centros urbanos, propiciam o desenvolvimento do estigma e preconceito imposto a estas regiões. Celso Athayde, MV Bill e Luiz Eduardo Soares (2005) remetem ao termo “invisibilidade social” como um efeito da pós-modernidade para destacar a imersão do sujeito nos grupos através da prática de atos ilegais – como é o caso da pichação – provocando a atenção e a percepção daqueles que excluem, ou não enxergam, os jovens moradores de favelas ou periferias. No entanto, esses autores consideram que a prática da pichação, em estabelecimentos ou moradias, é um apelo para serem vistos pela sociedade.

Sendo assim, a discriminação e o preconceito também provocam a invisibilidade desses indivíduos. No entanto, os estigmatizados produzem uma maneira para serem reconhecidos, mesmo que seja através dos grupos e ações coletivas. Esses autores salientam que a invisibilidade social provoca a falta de participação dos jovens perante o contexto social e um sentimento de despertencimento para com o meio no qual vivem.

Um jovem pobre e negro caminhando pelas ruas de uma grande cidade brasileira é um ser socialmente invisível. Como já deve estar bastante claro a esta altura, há muitos modos de ser invisível e várias razões para sê-lo. No caso desse nosso personagem, a invisibilidade decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. (ATHAYDE, MV BILL, SOARES, 2005, p.175).

Segundo Goffman (1975), os indivíduos se identificam pela formação de grupos encontrando nesta categoria uma forma para se expressarem e reconhecerem enquanto pertencentes a uma determinada sociedade. Através do estigma, o indivíduo vivencia o próprio esmagamento pela sociedade sem ter consciência da sua condição de sujeito. É neste sentido que esses autores consideram que o preconceito provoca a invisibilidade dos excluídos.

As entrevistas realizadas com os jovens do Conjunto Taquaril possibilitaram observar que os aspectos históricos e sociais são fundamentais para se conceituar a juventude daquela localidade, pois ela pode ser entendida em seu contexto através da sua condição social e geográfica. A juventude constitui um momento determinado, podendo ser tal momento

influenciado pelo meio social ou desenvolvido pela capacidade de trocas que as relações sociais proporcionam.

Segundo Dayrell (2003), cada jovem constrói uma maneira de ser jovem, cada qual com sua especificidade, implicando na diversidade dos modos em que a juventude se apresenta. A noção de sujeito implica nas diversas identificações feitas pelo jovem e em sua história de vida. O sujeito possui desejos e estabelece relações com outros seres humanos. Dayrell (2003) diz que “o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais”. Para ele, o sujeito é singular, na medida em que dá sentido ao mundo, na sua posição e nas relações construídas com o outro através da sua própria história e singularidade. Essas reflexões apontadas por Dayrell provocam uma crítica em face da noção de sujeito quando o jovem é privado de desenvolver suas potencialidades, característica marcante nas camadas populares. Estes jovens constroem especificidades a partir dos recursos que lhes são disponíveis. Dessa forma, é fundamental indagar a relação estabelecida entre a pichação e a juventude na comunidade do Taquaril.

A relação existente entre a formação de grupos de jovens para a prática da pichação e o processo de constituição de identidades pode ser concebida como uma resposta ao estilo de vida pós-moderno com características estéticas – essas últimas vislumbradas no esforço dos pichadores em elaborar alfabetos estilizados e aperfeiçoar as letras impressas nos muros da cidade. Pennachin (2003) estabelece uma conexão entre os grafismos urbanos e a produção de identidade, afirmando que o picho é uma das maneiras pelas quais os jovens se tornam visíveis socialmente, superando a sensação de despertencimento ao meio em que vivem. Ela observa que os pichadores se expressam através dos rabiscos dos muros como forma de transformar as ruas numa extensão da sua individualidade, criando identidades e participando da vida na cidade. Cada pichador cria um *nick* ou *signature*, ou seja, um código para reforçar sua singularidade e estabelecer uma marca que o diferencia e, ao mesmo tempo, identifica perante a sociedade.

As investigações de Souza (2007) acerca dos traços característicos de jovens pichadores na cidade do Rio de Janeiro revelou que os pichos devem ser pequenos (entre três a quatro letras) em função da rapidez exigida pela prática. A escolha do rabisco se deve à facilidade que os jovens possuem para estilizá-las, adotando uma estética da pichação. Estes estudos demonstraram que a palavra escolhida pelo pichador é a identidade que será reconhecida por outros grupos. Souza (2007) destaca que outra característica marcante desta prática são as reuniões feitas pelos pichadores, consideradas como espaços de prestígio e

interação social, o que provoca o fortalecimento de laços sociais entre os jovens e fomenta o desenvolvimento da prática de pichação nas grandes cidades. Pode-se afirmar que a finalidade da pichação é a obtenção de fama e reconhecimento (SOUZA, 2007).

Alex de Toledo Ceará e Paulo Dalgarrondo (2008) realizaram uma pesquisa com adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida na cidade de Campinas. As entrevistas realizadas com trinta e dois jovens demonstraram que a pichação se relaciona com os processos identitários, com as formas de relacionamento entre os membros dos grupos, com a sociedade e com a lei. Os resultados obtidos indicaram que há uma busca desses adolescentes pela visibilidade social e pelo processo de constituição de uma identidade transgressora. A maior quantidade de picho em locais públicos de alta circulação se atrela ao reconhecimento social, marcando a presença de cada indivíduo no cenário urbano.

A reflexão acerca da pichação no Conjunto Taquaril possui relação estreita com a visibilidade pretendida pelos jovens moradores do local, na medida em que desejam participar da vida da cidade marcando sua presença através dos pichos. A marca inscrita nos muros reforça a busca pelo reconhecimento de um nome ou pelo prestígio social. No entanto, o desenho de programas ou projetos sociais para os jovens – na perspectiva do esporte, lazer, cultura, educação e geração de renda – fomenta a produção de *novas* identidades, provocando uma ascensão social daqueles jovens que, muitas vezes, não possuíam perspectiva de vida. Este contexto propicia repensar o formato das políticas públicas de modo que intervenham no crescimento da criminalidade local e forneçam subsídios para a efetiva proteção de jovens considerados socialmente vulneráveis.

2. A QUESTÃO DOS ESPAÇOS

Este capítulo trata de contextualizar a apropriação do espaço e as demarcações feitas pelos jovens através dos atos de pichação, assim no território em que vivem como na cidade. Para abordar esta questão é necessário remeter à desigualdade social concebida nas grandes metrópoles brasileiras, principalmente. A compreensão deste fenômeno no país permite avançar nas investigações acerca da juventude, e mais ainda no que diz respeito à formação de grupos de jovens como um processo de constituição de identidades e demarcação de

territórios. Pedro Demo (2002) considera que o aumento da desigualdade social está relacionado tanto com o efeito da globalização nos países em desenvolvimento quanto da revolução científico-tecnológica. O autor destaca que o sistema econômico capitalista, apesar dos avanços da medicina, da produtividade agrícola e da produção de alimentos, não foi capaz de superar a desigualdade social. Ele se refere ao conceito da ONU – Organização das Nações Unidas – sobre as favelas como um “conjunto de habitações precariamente construídas em regiões pobres das cidades e que se caracterizam por não ter saneamento básico e abrigar um excesso de moradores que não dispõem de títulos de posse ou propriedades regularizados” (DEMO, 2002, p.162).

A apropriação dos locais pelos moradores de aglomerados remete a uma distinção entre os termos *lugar* e *espaço*, proposto por Michel de Certeau (1990). Para esse autor, o *lugar* é considerado como uma ordem, ou seja, os elementos são distribuídos pela sua relação de coexistência. Nesta perspectiva, não existe possibilidade de dois elementos ocuparem o mesmo *lugar*, pois cada um possui uma propriedade de ocupar um *lugar* que o define. Ele expressa que “um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1990, p.201). A concepção de *espaço* está relacionada aos vetores de direção, velocidade e variável tempo, ou seja, pode ser caracterizado por um conjunto de movimentos que se desdobram entre os *lugares*. De acordo com os argumentos do autor,

espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada em termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. (CERTEAU, 1990, p.201-202)

Segundo Certeau (1990), o *espaço* se constitui a partir da introjeção e da apropriação dos indivíduos da cultura de massa, modificando planejamentos urbanos, leis e linguagem. Ao explicar este conceito, ele introduz dois aspectos relevantes: os *percursos* traçados pelas pessoas e os *mapas* elaborados por elas. Ele ressalta que o *percurso* é o ato de enunciação, ou seja, os caminhos possuem vetores estáticos ou móveis – por exemplo, quando se diz “*você dobra à direita e entra na sala de estar*” – determinando um movimento do indivíduo para percorrer seu itinerário. Já o *mapa* está relacionado com a descrição redutora e totalizante das operações e possui como principal característica a estabilidade, implicando que as pessoas

visualizem um conhecimento que estabelece a ordem nos lugares. As investigações deste autor possibilitam observar que os relatos de *espaços* e *percursos* são predominantes, permitindo concluir que estes conceitos são elementos primordiais para o estabelecimento das relações sociais.

Outro termo abordado por Certeau (1990) é a “demarcação do espaço” através da fixação e da divisão de terrenos por “gestos” – ou discursos de ações – remetidos à história dos indivíduos situados em um determinado lugar. Ele destaca que “não existe espacialidade que não organize a determinação de fronteiras” (CERTEAU, 1990, p.209). Estas considerações permitem reconhecer a existência de uma autorização para ser estabelecido o deslocamento dos *espaços*, para a delimitação das fronteiras e para a superação de limites. A demarcação do *espaço* é um limite instável (CERTEAU, 1990, p.215).

As apropriações dos espaços feitas pelos jovens impõem o limite de uma marca territorial imaginária, apenas que, nestes casos, isso provoca conflitos entre os grupos de pichadores. Nesta perspectiva, os movimentos da sociedade podem ser verificados a partir da formação de territórios e, por isso, a importância de se compreender a vida coletiva observável nesse contexto (SANTOS, 2000, p.52). Milton Santos e Maria Laura Silveira (2003) consideram o território como “sinônimo de área de vivência e de reprodução”. Segundo esses autores, a territorialidade humana é marcada pelas preocupações com construções futuras e pela existência de um país ou de um Estado. A diversidade e a particularidade são aspectos relevantes para se compreender a formação do território, considerando que a divisão territorial cria uma categoria entre os lugares, o que implica nas formas de relacionamento entre as pessoas de diferentes localidades (SANTOS; SILVEIRA, 2003, p.22).

Ainda de acordo com esses autores, o território está diretamente relacionado à geografia do local, principalmente pela forma como foi habitado e delimitado fisicamente. Eles ressaltam que a atuação dos indivíduos na história da localidade pode ser manifestada pelas heranças estruturais, culturais e pelas relações sociais (SANTOS; SILVEIRA, 2003). Através destes argumentos é possível compreender o significado da apropriação do território na favela, além das maneiras como os jovens da periferia se manifestam em relação à cidade. A pichação pode ser concebida como uma marca desta delimitação territorial e uma busca pela identidade.

Para se compreender o território, Magnani (1992) destaca os *pedaços*, as *manchas* e os *trajetos*, podendo, inclusive, relacioná-los com os pichos produzidos pela juventude. O autor ressalta que o “pedaço” é formado pelo elemento espacial caracterizado pela rede de relações,

tendo o efeito de uma marcação territorial, como por exemplo, um bar, um terreiro, etc. Para ele, “ser do pedaço” implica situar-se numa rede de relações similar à dos laços familiares, ou dos vínculos afetivos, ou da proximidade da moradia, ou da presença nos mesmos espaços, querendo com isso dizer que a rede de relações determina a classificação dos indivíduos. Esta noção designa o intermédio entre o espaço público e o privado⁶. O “pedaço” determina uma rede ampla em que os vínculos familiares são significativos em decorrência das relações formais impostas pela sociedade. Dessa forma, “pertencer ao *pedaço* significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os ‘bandidos’ da vila, de alguma forma, acatam” (MAGNANI, 1992, p.192). Este contexto possibilita verificar que a circulação de jovens nas regiões em que não “pertencem” provoca um sentimento de hostilidade por parte de outros grupos, podendo, inclusive, significar que o desconhecido naquele local pode se colocar em perigo.

A exposição desse autor contempla que os “pedaços” são disseminados pela cidade e possibilitam a formação de “manchas” pelos jovens. A circulação de jovens nos espaços através dos “trajetos” caracteriza uma aglutinação em torno dos estabelecimentos com uma implantação estável na paisagem e no imaginário. Essas aglutinações são denominadas “manchas”. Este termo remete à identificação dos indivíduos pelas áreas, ou seja, “uma *mancha* é recortada por *trajetos* e pode abrigar vários *pedaços*” (MAGNANI, 1992, p.195). Estas “manchas” são equipamentos que propiciam pontos de referência entre os jovens, resultando no estabelecimento de relações e transformando o lugar em um encontro entre os usuários.

Segundo Magnani (1992), o *trajeto* representa um sistema de compatibilidade. Este conceito fornece aos jovens a possibilidade de escolhas com a finalidade de se identificarem com as *manchas* e pertencerem a *pedaços*, provocando a circulação de pessoas no espaço urbano (MAGNANI, 1992, p.196). É importante destacar que Magnani (1992) considera a “mancha” enquanto uma delimitação de “trajetos”, observando a presença de “pedaços”. Conforme tal argumentação, os jovens de um determinado grupo demonstram, através das suas vestimentas, comportamentos e estilos, a qual *pedaço* eles pertencem.

Os estudos realizados por Magnani (1992) revelam que o termo “tribo” pode ser utilizado como uma metáfora para designar os grupos das sociedades urbano-industriais. No

⁶ Para Bignoto (2003), o espaço público é considerado como uma possibilidade de construir um objetivo comum para a sociedade. Já o espaço privado se refere a uma definição de privação em que o indivíduo é destituído das características essenciais da vida humana (BIGNOTO, 2003, p. 286)

entanto, ele ressalta que o significado deste termo se remete ao estabelecimento de delimitações espaciais, determinação de símbolos e marcas concebidas de forma particular por cada grupo. Para Magnani (1992), *tribo* agrupa aqueles estabelecidos como iguais, possibilitando vivências comuns e a criação de vínculos pessoais, além de permitir a manifestação de códigos de comunicação e o particularismo do comportamento. “Tribo” também pode designar pequenos grupos que tenham um único objetivo – a fim de marcar uma diferença em relação ao comportamento dito “normal” –, diferenciando-se do termo “selvagem”, que é caracterizado por uma forma de agir agressiva, conflituosa e “anti-social”.

Diante do exposto, faz-se necessário compreender o significado da pichação para os grupos de jovens do Conjunto Taquaril. Será que podemos considerar a demarcação do território imposta pelos jovens, além da transgressão estampada nos muros e calçadas, como sendo uma atuação concebida a partir do termo “selvagem” (na acepção de Magnani)? Os grupos representam, para cada jovem, a construção de laços sociais que lhes possibilitam se reconhecer enquanto pertencentes a um meio social. Dessa forma, os grupos de pichadores se destacam enquanto uma “passagem” da juventude. O desafio aqui seria, justamente, fazer com que as intervenções na comunidade sejam possibilidades de convivência entre os diferentes grupos que delimitam o território através dos atos de violência.

A apropriação do espaço é um dos fatores constituintes para a formação de territórios, caracterizados pela delimitação e representação de espacialidades – podendo apresentar diversas territorialidades marcadas pela imposição dos grupos sociais. O território demarcado pelos grupos propicia a criação de regras de convivência e de um compartilhamento destas delimitações pelos indivíduos moradores do mesmo local (LIPORONE; SILVA; SILVA, 2003). No entanto, vale ressaltar que os jovens se apropriam dos espaços do Conjunto Taquaril impondo um limite de atuação aos grupos dentro da própria comunidade. Os jovens do Taquaril A não circulam pelo Taquaril B, e vice-versa. Os conflitos surgem quando esse limite é ultrapassado, demonstrando o poder de atuação de cada grupo na comunidade.

Segundo Felisette (2006), para entender a pichação e sua relação com a demarcação de território é preciso compreender o significado dos pichos como uma forma de expressão dos jovens nos espaços públicos da cidade. As tipografias demonstram a manifestação de um código que fazem parte de uma cultura. Atualmente, os pichadores se apresentam de uma forma particular, com a finalidade de garantir o direito ao espaço e ao discurso na cidade.

2.1 Pichação versus grafite: escolhas

Antes de transcorrer acerca da pichação será fundamental explicitar quais são suas diferenças em relação ao grafite. No latim, grafite é caracterizado por um “instrumento utilizado para fazer inscrições em pranchetas” (FELISETTE, 2006). Para os gregos, a expressão significa uma escrita, ou o ato de pintar. De qualquer forma, essas representações tipográficas, o grafite e a pichação, possuem como característica recobrir o espaço público em busca de uma visibilidade, ou de um reconhecimento social – que seria alcançado através da aposição de uma marca de identidade da juventude nas grandes metrópoles contemporâneas. Sendo assim, estas formas de expressão demarcam um espaço e representam as espacialidades em busca da delimitação territorial, revelando as diversas territorialidades – vividas em suas formas mais complexas pelos diversos grupos sociais.

Como Felisette (2006) destaca, o grafite e a pichação são produtos de um estilo pós-moderno. Estas tipografias possuem uma linguagem artística, política, transformando o espaço urbano e público através da estética produzida pelas latas de spray. Ao considerar o grafite e a pichação como uma forma de produção de identidade, é possível perceber estas manifestações como uma extensão da individualidade do jovem, criando uma identidade através da participação da vida na cidade.

Para Ramos (1994), a pichação e o grafite podem ser considerados uma forma de transgressão, visto que normalmente sua feitura não é autorizada pelos proprietários dos estabelecimentos e moradias. Dessa forma, as manifestações se apóiam no proibido, instaurando uma transgressão que caracteriza o movimento dos grupos de jovens. Ramos (1994) ressalta que,

proibição e transgressão correspondem a dois movimentos contraditórios, mas simultâneos: a proibição que rejeita e o fascínio que introduz a transgressão... Contraditórios e inconciliáveis, mas também inseparáveis. Um dá sentido ao outro e vice-versa... A proibição existe para ser violada, já que não há proibição que não pode ser transgredida. A proibição não significa necessariamente a sua abstenção, mas a sua prática sob a forma de transgressão (1994, *apud* BARBOSA, 1986, p.35).

A pichação é demarcada nas ruas como uma forma de expressão da individualidade, podendo, inclusive, ser interpretada como a construção da identidade para uma futura participação do jovem na sociedade.

FIGURA 3 – Foto de pichação

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 4 – Foto de grafite

Fonte: Arquivo pessoal.

Neste sentido, a pichação se difere do grafite em relação à sua inscrição, conforme pode ser verificado nas duas figuras acima. Enquanto a pichação possui um estilo de letras, o grafite se utiliza das cores e dos desenhos para expressar uma cultura. De qualquer forma, a pichação – que é o conceito abordado nesta pesquisa – representa o nome de um jovem pertencente a um determinado grupo.

Diante do contexto mencionado, salientam-se as intervenções provocadas pelas políticas sociais através dos projetos e programas que reconhecem o território como um elemento inovador da gestão social. Considera-se que a pichação no Conjunto Taquaril possui como consequência a criminalidade e a violência provocada pelos jovens. Sendo assim, as políticas de base territorial contemplam a dimensão da diversidade e particularidade dos aglomerados atendidos, propiciando a problematização da pichação dos jovens em tais localidades. Bronzo (2007) aponta que

a diferença entre essas comunidades degradadas e aquelas com infra-estrutura social saudável está na qualidade da organização social, na capacidade da maioria de fazer cumprir as regras. Quando essa capacidade diminui, aumentam atos de vandalismo,

crimes e comportamentos anti-sociais. Tudo isso combinado com a crescente perda de autoridade do poder público que, incapaz de fazer frente às novas demandas, contribui para o enfraquecimento do controle social e para a má imagem da região, condenando seus moradores a uma espiral negativa, compreendendo todos os aspectos da infra-estrutura social: instalações, serviços e organização social. (BRONZO, 2007, p.96)

Assim, o território, como objeto de focalização das políticas sociais, contribui para a melhoria da qualidade de vida dos moradores da região. Para implantar-se um programa, ou projeto social, em aglomerados ou favelas, faz-se necessária a participação da comunidade local, a flexibilidade na oferta dos serviços e a aderência às demandas locais com a finalidade de intervir no contexto social (BRONZO, 2007). Como o Conjunto Taquaril possui uma infra-estrutura negativa, apresentando-se estigmatizado pela sociedade, a comunidade local possui pouca mobilidade social, acarretando na implementação de políticas públicas visando fortalecer a autonomia pessoal dos moradores e a valorização da região.

3. A QUESTÃO DOS JOVENS

Conforme mencionado anteriormente, a investigação sobre a pichação de jovens foi concretizada na região do Conjunto Taquaril, bairro situado no extremo leste de Belo Horizonte, numa área limítrofe com o município de Sabará. Essa comunidade é considerada pelo CRISP – Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública – como uma das áreas que possui o maior índice de criminalidade violenta na cidade. Assim, algumas questões foram primordiais para a consolidação da pesquisa. Em primeiro lugar, era preciso indagar quais motivos levavam os jovens à pichação e, depois, compreender o porquê de tal prática provocar conflitos entre os jovens e a comunidade local. Neste sentido, a investigação se propôs a delimitar algumas observações para, em seguida, produzir um material teórico que subsidiasse a intervenção naquele contexto social.

Os jovens do Conjunto Taquaril estão divididos em grupos conforme a separação territorial a eles imposta pelo acesso aos ônibus da BHTRANS⁷: Taquaril A, Taquaril B e Taquaril R. Dentro dessas “regiões”, outros grupos são formados de acordo com a proximidade de moradia e dos laços de parentesco, agrupando-se pela divisão dos setores em cada região – demarcados desde o setor 1 até o setor 14, o que abrange tanto Belo Horizonte quanto Sabará. As indagações e as dificuldades para intervir nas atuações dos jovens em relação à criminalidade possibilitaram a construção desta pesquisa, em conjunto com os moradores e com os próprios jovens da região. A comunidade demonstrava estar indignada quanto à prática da pichação, e este estudo se concretizou a partir da ocorrência de uma tentativa de homicídio – originada devido à pichação. Tal foi o fato que instigou a compreender esse fenômeno com o objetivo de atuar preventivamente na criminalidade local.

⁷ A BHTRANS é uma empresa responsável pelo gerenciamento do transporte coletivo e do trânsito no município de Belo Horizonte. O ônibus da linha 9503 atende ao Taquaril A, a linha 9208 atende ao Taquaril B e o 9412 ao Taquaril R.



FIGURA 5 – Mapa de Belo Horizonte mostrando a divisão administrativa da cidade em suas nove regionais.

Fonte: Portal PBH

Diante de tal contexto, foram investigadas as áreas de atuação dos jovens e as referências na comunidade que pudessem apontar uma aproximação com os grupos. Pelo desenvolvimento de projetos já existentes na região, percebeu-se a dinâmica da formação dos grupos de jovens como uma das principais características observadas na comunidade. Na execução de atividades no Taquaril foi estabelecido um vínculo com os moradores e com os jovens, facilitando o processo de escolha dos participantes da pesquisa para a coleta dos dados qualitativos apresentados nesta análise.

Os grupos mapeados se denominavam como: [1] PAM (Possuídos pela Arte Maligna, que também se reconhecem como Pichadores Até a Morte); [2] CDP (Comando dos Prostitutos); [3] BDJ (Bonde dos Jacarés); [4] BDP (Bonde do Pirú); [5] BDE (Bonde do Escadão); [6] MDE (Melhores do Escadão); [7] MDA (Manipuladores da Alma) e [8] PCT (Primeiro Comando do Taquaril). Optou-se por entrevistar jovens dos grupos BDJ (Bonde dos Jacarés) e PAM (Possuídos pela Arte Maligna, ou, Pichadores Até a Morte), pois constituem grupos cujo objetivo definido é o de pichar a cidade.

Os jovens pertencentes ao grupo Bonde dos Jacarés – doravante BDJ – foram convidados de maneira individual para participar da entrevista. No primeiro encontro, os jovens compareceram ao local combinado junto com suas companheiras. Naquele momento foi necessário definir que apenas os pichadores eram objeto da pesquisa, e que seria realizada uma entrevista com dois dos participantes daquele grupo. O BDJ, além da pichação, também é responsável pela organização das festas produzidas na comunidade. Outros jovens integrantes do BDJ disseram que não poderiam comparecer em função de outras demandas pessoais – como trabalho, família e escola.

Na entrevista realizada com os jovens do grupo Possuídos pela Arte Maligna – doravante PAM – foi possível estabelecer uma conversa com os pichadores deste grupo e também com os simpatizantes da prática. Os jovens colaboraram com a pesquisa e relataram suas experiências, circulando pela comunidade para mostrar os “rabiscos” nos muros e fornecer maiores informações acerca da pichação. Destaca-se que as casas dos próprios pichadores estavam pichadas e que outras moradias também se encontravam depredadas pelos pichos. Para obter maiores informações a respeito, estabeleceu-se um novo contato com outros jovens do PAM. No segundo encontro, um jovem em cumprimento de Medida Socioeducativa de Prestação de Serviço à Comunidade relatou sua experiência com a pichação em conjunto com um adolescente de treze anos – o que expressava uma conexão estabelecida entre a prática da pichação e os furtos que cometera. O trabalho de campo possibilitou que fossem observadas, entre outras características, as relações estabelecidas entre os jovens, a dificuldade de sustentar um discurso individual e a constituição do grupo como garantia da individualidade.



FIGURA 6 – Foto tirada de satélite do Conjunto Taquaril.

Fonte: Google Maps Brasil

Na FIGURA 6, acima, é possível visualizar o Conjunto Taquaril e perceber algumas características marcantes do contexto dessa favela. A localização da comunidade dificulta enormemente a circulação dos jovens em outros espaços da cidade, e o acesso aos estabelecimentos de ensino, de saúde, aos espaços de lazer e de cultura é, dessa forma, bastante restrito. Ressaltam-se alguns fatores geográficos predominantes na região: o relevo das encostas possui uma alta declividade e isso agrava, principalmente, a situação das ocupações impróprias da região, pois muitas moradias são frágeis e raramente possuem uma boa fundação. Outra característica agravante é a falta de uma rede de fornecimento de água em algumas moradias, forçando a população não atendida a utilizar instalações clandestinas. A rede de esgoto sanitário também não atende a todos os moradores, o que implica na existência de fossas precárias. Outro aspecto observado na região é a existência do lançamento de esgoto a céu aberto, prática comum entre os moradores. Da mesma forma, o

serviço de coleta de lixo é ineficiente, pois as moradias foram construídas em locais cuja topografia impede o livre acesso dos caminhões de coleta.⁸



FIGURA 7 – Foto de uma vista parcial do Conjunto Taquaril

Fonte: Arquivo pessoal.

4.1 Pertencimento *versus* reconhecimento: testemunhos

Para discutir a questão pichação no Conjunto Taquaril foi necessário, antes, conectar os conceitos de identidade e território. Depois, foi possível verificar como atua aquela forma de expressão da juventude junto à sociedade. O processo de constituição de identidades e a

⁸

http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410784_06_cap_03.pdf

diversidade de posições de sujeitos podem ser relacionados com a formação de grupos de pichadores em busca do reconhecimento social.

Um morador do Conjunto Taquaril se expressa da seguinte maneira a respeito⁹:

“se a gente for parar pra analisar a fundo, o que motiva um jovem a se tornar pichador – eu bato muito na tecla de que o que favorece a intenção do jovem em grupo de pichação, até mesmo a desenvolver essa prática – é questão da afirmação. De uma forma ou de outra eu preciso mostrar que eu existo, né? Igual, eu consegui afirmar o meu potencial no meio social, né? Todo mundo, todo mundo, procura o seu lugar ao sol (...)”.

Durante o trabalho de campo, os jovens apontaram que a prática da pichação é uma forma de obterem fama e reconhecimento dentro da própria comunidade. Os relatos traduzem que para se obter uma visibilidade social é preciso pichar o maior número de muros, de patrimônios públicos, bem como se arriscar no alto de prédios e viadutos. Os jovens e a comunidade local relatam que as pichações devem repercutir na cidade para que eles possam ser reconhecidos através das suas marcas. O relato de um morador do Conjunto Taquaril nos mostra que

“tem uma galera que gosta do risco mesmo, uma galera que pega o alto dos prédios assim, mas, às vezes sim ou às vezes não. A galera quer pegar no lugar mais visto. Se o lugar mais visto é o pirulito da praça Sete e lá tem um cordão de isolamento cheio de policiais e o único jeito dele pichar é ele ir passando por cima de todo mundo e pichar, ele vai fazer. Agora, se o pirulito da praça Sete fosse um monumento histórico, mais antigo e mais valioso de Belo Horizonte, e ninguém passa lá, passa lá no alto da Afonso Pena, pronto: aí o risco, num é o risco, ele num ia ser tão visado. É o caso de antigamente as igrejas, você lembra? Que a galera pichava as igrejas, aí passava nas reportagens e tal. E à medida que a igreja, a própria igreja foi caindo assim, o número de fiéis foi diminuindo e tal, ninguém picha mais igreja igual no centro, aquela igrejazinha perto do Acaiaca – chama Igreja São José, não é isso? E aí tinha dois pichadores que picharam lá uma vez, passou na televisão e tal. Aí foi a primeira vez, depois a galera foi pichando, a televisão não foi divulgando e ninguém foi falando nada. Pronto acabou a pichação na igreja (...)”.

Os jovens moradores de favelas, em sua maioria, vítimas de preconceito, estigmatizados pela sociedade e com pouca mobilidade social, não se sentem pertencentes ao meio em que vivem. No entanto, esta invisibilidade social provoca a constituição de grupos de jovens com a finalidade de construir uma identidade individual sustentada pela identidade

⁹ A transcrição das entrevistas para a realização dessa pesquisa manteve o modo de falar de cada pessoa, buscando uma maior fidelidade e proximidade com o tema abordado. No entanto, para melhorar a compreensão das partes possivelmente truncadas (devido à dificuldade de transposição do registro oral para o registro escrito) foram incluídos conectores de sentido, devidamente identificados por aparecerem entre colchetes.

coletiva. A prática da pichação seria uma forma de reconhecimento para estes jovens entre os moradores e a própria sociedade. De acordo com um entrevistado,

“falando dos jovens que eu conheço lá, que pelo menos eu considero como pichadores mesmo, [o que eles fazem] não é muito relacionado [somente] ao Taquaril. Eles são moradores do Taquaril, só que eles não picham só a comunidade, [eles picham] toda a parte. E aí eu acho que eles querem algum tipo de reconhecimento, talvez não só pela sociedade, mas pela galera deles, pelo grupo deles, que é meio que uma, sei lá, uma comunidade alternativa. Eles se conhecem, eles se respeitam, eles têm os problemas deles, eles resolvem da forma que eles acham que devem ser resolvidos. Então, quanto mais pichação eles têm, eu acho que mais conhecido eles se tornam e aí isso que leva, e aí os assuntos todos rodeiam: ah, eu sei aonde fulano pichou, aonde fulano deixou de pichar (...)”.

Para demonstrar a relação entre a pichação e a busca de reconhecimento social, um morador relata que

“normalmente, eles picham onde se destaca mais, né? Onde eles vão ser mais destacados, e vamos supor, às vezes, eles picham a parede de uma casa [que já] não destaca mais tanto – como eles picharam a do próprio Fica Vivo!, a Igreja Católica, o Projeto Providência, a Praça Che Guevara. Aonde [for] o trânsito maior de pessoas, em que os outros grupos [circulam], é vão ver aquela pichação, né? Automaticamente, a gente como morador sente que aquilo parece que satisfaz o ego deles, né? Dos grupos, né? (...)”.

Alguns moradores e jovens entrevistados disseram que a prática da pichação no Conjunto Taquaril se iniciou pela influência das letras de *funk*. A expressão “vou mandar um salvo para a galera”¹⁰ aparentemente teve grande participação nisso. É possível supor que a música, feita para um determinado grupo, promoveu o encontro de jovens com a intenção de serem formados “bondes”¹¹, num processo de constituição de identidades. De acordo com um dos jovens,

“naquela época tinha muitas músicas de *funk* que falava da galera. Os MC’s de *funk* que cantava na época, mandava um salvo pra galera. [Falavam assim:] ah, vou mandar um salvo pra galera aí do tal, tal, tal... [Ou então,] ah, vou mandar um salvo pra galera do tal, tal, tal bairro, da região tal. Os *funks* das músicas que eram gravadas era pra mandar um salvo pra galera do jiló e tal, tal, tal... pá, pá, pá... e aí, hoje em dia, o *funk* fala: é o Bonde do Tigrão, é o bonde de num-sei-o-que, é o bonde pá, pá, pá e pá, pá, pá... e aí o pessoal fala: ‘vamo montar o nosso bonde’. Aí monta o bonde APA, BDJ, o Bonde dos Sem Camisa, o Bonde do Escadão, o Bonde do Asfalto, o Bonde da Estrada e tudo (...)”.

¹⁰ “Vou mandar um salvo para a galera” é uma expressão utilizada nas letras de funk com a finalidade de legitimar um grupo formado por jovens e proporcionar um reconhecimento dos membros.

¹¹ Bonde é uma gíria utilizada pelos *funkeiros* para designar grupos.

As formações dos grupos analisados possuem características distintas no que se refere às práticas e às formas de pichação. Enquanto o grupo PAM demarca a área denominada Taquaril A, os jovens do grupo BDJ atuam no Taquaril B. O Taquaril A não possui dispositivos públicos, situando-se numa área afastada do centro comercial da cidade e dos eventos promovidos na região. De acordo com o relato abaixo, a organização do PAM deveu-se à falta de espaços construídos para o lazer, para a cultura e para a inclusão produtiva. As observações realizadas durante a pesquisa de campo possibilitaram verificar uma maior quantidade de pichos espalhados pela comunidade, e pela cidade, dos jovens pertencentes ao PAM. O relato ressalta este aspecto na comunidade:

“pelo contexto social do Taquaril A, os meninos da PAM... até meio irônico o que eu vou falar, mas foi uma ação assim... Eu vou ter um olhar mais cuidadoso, foi uma ação política que eu acredito que eles tiveram aqui no Taquaril. O que eu estou definindo como uma ação política? [É] aquela ação de falar assim: pô, o Taquaril A existe, ou seja, se não for possível da gente ter esse reconhecimento de forma passiva, de forma tranquila, [se] as pessoas [não] conseguirem nos enxergar como moradores, como pessoas que participam ativamente da vida da comunidade, a gente vai tentar fazer esse caminho de forma controversa do que a sociedade espera. Então, assim [é o modo] que eu compreendo. A PAM surgiu mais para dar um sinal de fogo, sinal de fumaça. Estamos aqui, existimos. E hoje a PAM é o grupo mais... com mais membros dentro da comunidade (...).”

As marcações feitas pelos jovens pertencentes ao PAM são caracterizadas pelas letras elaboradas e estilizadas. A percepção dos moradores em relação às marcas feitas no local sustenta que “o PAM já consegue fazer uma pichação mais bem feita, mais bem detalhada, que não é torta, não escorre, e assim é bem legível.”



FIGURA 8 – Foto de residência, localizada no Taquaril A, que foi pichada pelos jovens pertencentes ao grupo PAM

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 9 – Foto de estabelecimento comercial, localizado no Taquaril A, que foi pichado pelos jovens pertencentes ao grupo PAM

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 10 – Foto do quintal da casa de um jovem do grupo PAM, no Taquaril A

Fonte: Arquivo pessoal.

Segundo o relato dos jovens que foram entrevistados, o grupo BDJ teve início devido à proximidade das moradias. Os jovens chamavam uns aos outros de “jacaré” e, quando decidiram por formalizar o grupo, esse nome caracterizou o laço criado entre eles. O grupo produziu festas e encontros com a finalidade de marcar a atuação na região, notadamente em relação às festas e à prática da pichação. Em uma das entrevistas, os jovens relataram que a pichação ocorreu em função de um encontro que tiveram com o PAM numa madrugada, porém, devido aos conflitos entre os dois grupos, os jovens continuaram atuando de maneira separada. Na entrevista, um integrante do BDJ relata que, após aquele encontro, “nós pegamos e tivemos a idéia de fazer uma camisa do Bonde dos Jacarés. Aí nisso nós tava tipo no auge da fama. A Lesta inteira sabia da gente (...)”.

Os relatos demonstram que os pichos são praticados durante a madrugada com a presença de dois ou três integrantes do bonde – justamente para que a prática não seja repreendida pelos policiais. A pesquisa aponta o alto grau de solidariedade entre os jovens, pois, durante o ato de pichação, mesmo sem a presença de todos os membros do grupo, aqueles que picham marcam para os que estão ausentes. Outro aspecto importante que deve ser destacado é a escolha dos nomes para marcar a superfície a ser pichada. Estes nomes são reconhecidos apenas entre os jovens pichadores, e são escolhidos aleatoriamente, de modo

que a própria comunidade e a família não saibam identificar quem são os jovens que pertencem aos grupos. Nos relatos abaixo essa situação pode ser verificada:

“(...) inventamos um apelido pra nós, tipo assim, pra nós pichar e saber que é [do] BDJ, mas não [para] saber quem que era [o autor]. Era Scol, Farc e Caos (...)”.

“Melhor sair de 1, 2... Normalmente um sai – olha pra você vê! – um vai lá e marcava pro outro. Mas tem dia certo pra pichar. Fim de semana é ruim. Sexta sábado e domingo tem muita polícia na rua. É bom pichar segunda, terça, quarta, quinta (...)”.

“O doido é você e mais um no máximo. Você sozinho ou de dois. Dois para quando você quiser pegar uma marquis (aquilo que protege a chuva de loja). Se for mais de dois – uns quatro camaradas – fica muito visado pela polícia. Polícia “bate o olho”, parecendo de menor, vai pensar que você está escondendo alguma coisa. Eles não vão perder nada te parando mesmo. Se você tiver errado eles te levam, se não tiver, soltam (...)”.



FIGURA 11 – Foto dos jovens que assinam Scol e Farc, pertencentes ao grupo BDJ

Fonte: Arquivo pessoal

Com a participação dos jovens na coleta de dados foi possível verificar o perfil dos pichadores pertencentes ao BDJ e ao PAM. Os entrevistados trabalham de maneira formal ou informal, e a maioria dos jovens do PAM não frequenta a escola. As latas de tinta e de spray são adquiridas através do dinheiro próprio. Os furtos e roubos não são características predominantes na atuação desses jovens – apesar de tal informação ser baseada apenas no relato de um jovem –, mas é importante ressaltar que a pichação fomenta a inserção de jovens

em outras práticas criminosas como, por exemplo, o porte ilegal de armas, o tráfico e o consumo de drogas.

“Eu acho, tipo assim, que a gente ficou tipo famoso assim porque nós tinha nosso grupo e todo mundo trabalhava, aí nós num parava no Taquaril, nosso negócio era só sair pra fora, ou então de vez em quando fazia uma festinha, mas, tipo assim, só nós e num chamava ninguém. Por exemplo, tinha uns colega, mas envolvia só a gente mesmo (...)”.

Na pesquisa de campo os jovens circularam pela comunidade e confirmaram alguns relatos mencionados pelos moradores. As fotos foram tiradas com a presença e a autorização dos pichadores. Nas conversas eles apontam a importância dessa prática para a consolidação do nome e o reconhecimento social perante a comunidade e a sociedade.

“Você faz as pessoas verem, chegam e comentam... tem muito respeito, [se] você tem muita pichação, tem respeito. Em festa o camarada chega e fala ‘eu picho e eu já vi preza sua’. [Eles ficam te] chamando para dar role aqui bairro [e se] você quer ficar conhecido por aqui. Lá onde você presta serviço comunitário tem uns menorzinho que ficam assim ‘Colé Slim, Slim’. Eles ficam tipo seu fãzinho, tipo como se você fosse aqueles ator de novela (...) adrenalina, ibope... Dá uma sensação tão doida... Já fiz uma [pichação] na avenida Amazonas, uma grandona, que no outro dia eu passei lá tinta um tanto de senhor mais velho olhando impressionado, o tamanho, fico doido. [Eles ficam só] olhando, não fala nada, passa direto, mas você fez alguma coisa que as pessoas prestaram atenção. Você acha que se tivesse só um desenho no vão lá eles iam ficar olhando pro teto? [Mas] quem entende de pichação vê lá no alto [e] pergunta como que o cara subiu? Aí viaja no cara, né? Mas já tem pessoa que não gosta. Tem gente que é doido pra pegar pichador (...)”.

Partindo da discussão sobre a territorialidade e sua demarcação, foi possível conceber que a apropriação do espaço pelos jovens no Taquaril A e B foi fundamental para se constituir a demarcação territorial. É através dos pichos que a juventude local imprime um território de atuação – que o representa de acordo com a identificação no espaço. A pichação no Taquaril pode ser verificada nos trajetos da cidade. Ao caminhar pelas ruas de Belo Horizonte, principalmente nos bairros próximos do Conjunto até o Centro, é possível perceber as marcas da pichação dos jovens pertencentes ao PAM e ao BDJ. O relato seguinte demonstra isso:

“Eu percebo fora do bairro, não é só no bairro, no Centro da cidade, a gente consegue perceber, mas sempre em locais estratégicos no sentido de que alguém do bairro vai passar por esse local e vai ver, ou que seja o caminho do ônibus, ou que seja um ponto de ônibus, essas plaquinhas. [Se] estou sentado no Parque Municipal lá tem um PAM pequenininho escrito, rabiscado ou com corretivo, e eles vão para fora sim (...)”.

A noção de “pedaços” tratada por Magnani é observada pela caracterização dos pichos no Taquaril A e B, além da rede de relações estabelecidas entre os jovens, o que implica em deixar na cidade suas marcas. As pichações percebidas ao longo dos “trajetos” – pichações aqui denominadas de “manchas” – caracteriza o grupo PAM. Estas “manchas” referenciam um ponto de encontro entre os jovens, podendo ser reconhecidas nos seguintes “trajetos”:



FIGURA 12 – Foto mostrando a pichação Slim, Snaco e Sol, localizada na Rua Jequitinhonha, bairro Vera Cruz, feita por jovens da PAM

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 13 – Foto mostrando a pichação Spim, Stom, Menor e Snaco, localizada na Rua Niquelina, bairro Saudade, feita por membros do grupo PAM

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 14 – Foto mostrando a pichação Slim, no Cemitério da Saudade. Autoria de jovem pertencente ao grupo PAM

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 15 – Foto mostrando a pichação Scol, no Cemitério da Saudade. Autoria de jovem pertencente ao grupo BDJ

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 16 – Foto mostrando pichação dos jovens da PAM, na Avenida dos Andradas

Fonte: Arquivo pessoal.

Considerando o relato da comunidade acerca da pichação, é possível verificar como se dão as formas de constituição dos grupos com base na proximidade das moradias, e também a maneira como concebem suas identidades no espaço por eles vivenciado.

“Se for marcar por território – a área, digamos, de atuação, dentro da comunidade – existe esse limite de atuação. Na verdade, quanto mais os grupos conseguirem se expandir dentro da comunidade, mais visibilidade eles têm. Dentro da teoria deles, mais visibilidade eles têm. Aqui no Taquaril recentemente tem os meninos do BDJ – que envolve mais os meninos do complexo do setor 6, 7, 8, e 9. Tem os meninos da PAM que é um pouco do 5, 4, 3, 2. Tem os meninos da MDE, que eu acho o surgimento do grupo muito engraçado, engraçado assim um pouco...não sei definir, eu ia falar cretino o surgimento deles. Eles surgiram só pra demarcar o território deles. Surgiram com a idéia de pichar no portão da própria casa. Para falar assim, aqui é os meninos do escadão, que significa MDE. Ai ele começaram a encorpar, agregou-se novos membros nesse bonde e expandiu. E agora eles estão que nem uma bactéria, detonando tudo. Inclusive os imóveis próximos da casa deles está tudo pichado. Tem prédio perto da casa deles que está tudo detonado (...).”

O relato de um jovem demonstra as marcas da pichação na cidade:

“... não é só no Taquaril, tem muita pichação minha por aí. Muita pichação no Centro, no Oiapoque...”

Conforme abordado anteriormente, a pichação se apóia no proibido. Os pichos são praticados sem a autorização do proprietário das moradias ou dos estabelecimentos, o que implica nos conflitos proporcionados em decorrência de tal prática. Nos relatos, tanto da comunidade como dos jovens, surgem falas ressaltando o incômodo geral em relação à pichação, e quais são as formas de violência implicadas na tentativa de coibir esse ato. O excesso de transgressão da lei e a quantidade de rabiscos no conjunto propiciam um sentimento de impotência em relação às pichações feitas pelos jovens. Os relatos abaixo dimensionam a importância de se pensar esse problema:

“a gente roda aí e escuta moradores falando que vai pegar, que vai bater, que vai espancar, vai dar tiro, que vai chamar a polícia, que vai denunciar e tal. Fica uma relação meio conflituosa, né? Que os meninos, querendo ou não, tão correndo o risco de trepar aqui na comunidade. Antigamente, eles pichavam do lado de fora porque conheciam os muros e sabiam que ali não podia pichar. Agora, aqui na comunidade o risco é diferente, né? Como tem morador, tem bandido também que se revolta, então, se corre o risco de tá pichando, passar um cara cabuloso, que não gosta de pichação (e também não está nem aí), mata um, aleija um, fere um por causa de pichação. Ou um morador que já está tocaiando, esperando mesmo, e sabe que os meninos vão passar ali e pichar porque gostam de muro novo – chamado de ‘cabaço’, que ninguém tinha pichado e está zero bala – e tocaiando lá, na hora que os meninos chegar, pega também. Então, o risco é mais perigoso e dobrado”.

Além dos conflitos, é importante ressaltar que alguns moradores possuem propostas de intervenção para lidar com o problema. O proprietário de um estabelecimento no Taquaril convidou o grupo PAM para pichar o muro, pois desejava modificar a fachada do depósito.

“Principalmente, os moradores que pintam o muro que já está pichado, eles já estão falando, ‘vou pintar aqui, mas com certeza os meninos já vão pichar’. O dono do depósito ali no A, ele já me procurou pra poder me pedir, pra mim poder pichar o muro dele de forma mais colorida – que no caso é o grapicho – pra que os meninos não pichem, pois ele já está cansado de pintar o muro e os meninos ir lá e pichar no mesmo dia que ele pintou o muro. Pintava o muro de dia e quando era a noite eles pichavam e quando ele levantava o muro já estava pichado. Tanto que ele convidou... ele liberou o muro pra dois dos pichadores que picharam o muro dele pra fazer o grapicho. Fizeram o grapicho lá e ninguém pichou mais. É a pichação colorida. Não chega a ser o grafite porque o grafite é de muitas cores, a pichação é uma cor só, entendeu? Aí, o grapicho é aquele camarada que quer pichar na legalidade vamos dizer assim. É o novo estilo que nasceu e tal (...)”.



FIGURA 17 – Foto mostrando grapicho feito por jovens do grupo PAM em um estabelecimento na região do Taquaril A

Fonte: Arquivo pessoal.

A frente da moradia de um dos membros da comunidade é o ponto de encontro dos jovens do grupo PAM. Ele ressalta que

“[os jovens do PAM] não são temidos por ações de amedrontar a comunidade: eles são odiados! Talvez use essa palavra pela ação deles. Quando as pessoas moram na comunidade (e moram há mais tempo) existe um vínculo criado com essa comunidade. Tenho comigo uma revolta em relação a isso, até mesmo porque a minha casa é pichada. A relação que eu tenho é de incômodo, porque o problema maior não é a minha casa. [A pichação] não está ligada à minha casa, ela está ligada a um contexto maior. Então, o meu incômodo com relação a eles é esta ação num contexto geral. Eu me preocupo com o Taquaril, porque é o local que eu moro desde quando eu tinha 7 anos de idade, e eu vim criando vínculos com o bairro (...)”.



FIGURA 18 – Foto mostrando a casa de um morador entrevistado. Nesse local os jovens do grupo PAM se reúnem durante a madrugada

Fonte: Arquivo pessoal.

A comunidade se preocupa com a situação da pichação no bairro. Para oferecer oportunidade a um dos jovens do grupo PAM, um morador ofereceu para construir um muro na sua residência, fato que o levou a concluir o trabalho com a marca do nome do qual se identifica. É possível verificar no relato seguinte a dificuldade de intervir na atuação dos jovens, o que implica em repensar as estratégias oferecidas a este público.

“Com relação a esse menino que trabalhou nesse muro, o dono que contratou esse serviço se sentiu traído, se sentiu, poxa, trabalhou aqui e ele fez essa coisa, ele não! Também não teve essa reação de [dizer:] ‘olha, vou te bater ou eu vou chamar alguém para te bater...’ Esse [outro] vizinho, né, que não gosta [de pichação] ele uma vez pegou os meninos pichando e correu atrás deles. Correu atrás para pegar pra bater mesmo, só que não conseguiu e ainda procurou eles pelo bairro de carro, mas não conseguiu. E aí, passado isso, aí não teve outras conseqüências, mas não teve outras conseqüências porque não conseguiu alcançar esses meninos (...)”.



FIGURA 19 – Foto mostrando a pichação Slim – PAM. Após a construção do muro, o próprio jovem marcou o local com o picho

Fonte: Arquivo pessoal.

A maioria dos entrevistados relatou que a pichação é o início para a inserção do jovem no tráfico e no consumo de drogas, além do acesso às armas que os jovens das favelas possuem. Esta situação demonstra a relevância deste tema para se trabalhar na prevenção à criminalidade no Conjunto Taquaril. O relato de um jovem pichador demonstra como é o acesso e a facilidade dos jovens para ingressar em práticas proibidas.

“Então, eu acredito muito nisso, que a minha inserção no crime foi por causa da pichação. Porque, a partir da pichação, eu tive contato com outras pessoas que não eram pichadores, mas que também não era boa influência pra mim. Porque, naquela época que eu comecei pichando, a minha intenção era de ficar famoso, mostrar que eu existo, e o pessoal sabia que eu existo, tem uma pessoa, um moleque que picha, então, eu queria reconhecimento. Depois que eu entrei pro crime eu já queria ser, eu queria ter conceito, respeito, consideração, e aí eu não tava importando se respeito e consideração ia ser medo, se o pessoal ia ter medo de mim e tal, e ficar meio grilado. Mas eu queria que o pessoal me respeitasse, num sei se de forma boa ou ruim. Então são propostas diferentes e eu confundia, assim como vários outros que estão na pichação [e] que depois começam a entrar no crime, já começa a levantar a boca, já começa a fumar um baseadinho aí já passa pra cocaína, depois pro crack e tal (...).”

Além das práticas delitivas adquiridas pelos jovens, outra característica marcante observada nos grupos de pichadores do local é a promoção de festas nas quais os convidados fazem uso excessivo de bebidas alcoólicas – e drogas. Através dessas festas os grupos sustentam o nome do “bonde” em camisetas (e também por convites entregues na região) ressaltando que aquela área pertence a determinado grupo. Vejam os relatos abaixo:

“O grupo surgiu como grupo de festinha. Foi uma reunião de jovens daqui da comunidade. Eles tiveram o objetivo de formar um bonde, Bonde dos Jacarés, ou seja, bonde da curtição. É tanto que a sigla da blusa deles é um jacaré de óculos tomando caipi-fruta, com uma frutinha assim no copo. A idéia, o objetivo principal, era de formar esse bonde pra organizar festas dentro da comunidade. Pela conversa que eu tive com alguns membros desse grupo, foi tomando corpo essa questão de demarcar o território deles e dar visibilidade para esse bonde. A forma que eles detectaram, que acharam mais viável [para] dar visibilidade é marcando “preza”. Tornar o bonde reconhecido em toda BH (...).”

“Uma vez eles organizaram uma festa, se não me engano, era a primeira festa PAM, que tinha um convite, tinha um carimbinho atrás escrito PAM, e que eles assinavam atrás do convite. E esse [convite] foi vendido e a festa aconteceu durante a noite toda. Inclusive, no final da festa, teve até um tiro, uma pessoa que tava na festa foi baleada, mas já era umas 5 quase 6 horas da manhã quando aconteceu isso. A festa aconteceu durante a noite toda e foi uma coisa assim: a festa organizada pelos PAM. Eu acho que isso ajudou a firmar quem é o PAM, [ajudou] a criar essa identidade do grupo. Mas aí essa [história de] criar festas menores, essas festas menores servem pra quê? Pra mostrar que o grupo ainda são essas pessoas, que eles se conhecem, se reúnem, mas são festas que eles conseguem muito crédito para as pessoas. É como se tivesse um churrasco no final de semana para os amigos, [só que] a questão é outra, mas o churrasco... Mas é uma forma que eles encontram para se reunir nessas festas. [E] para praticar mesmo o quê? Beber, ou seja, usar drogas, [já] que são usuários”.

Para ressaltar a importância desta pesquisa é preciso expressar que a prática da pichação provoca uma série de desentendimentos na relação entre a comunidade e os jovens. É preciso apontar para a dificuldade de convivência entre os membros dos grupos, que resolvem seus conflitos pela via da criminalidade violenta.

“Atropelou a minha, detona, e aí eu encontrei com ele e falei: você tem que marcar uma ‘preza’ pra mim. Ou seja, quando ele fosse pichar, [teria de] colocar lá: para [fulano]. Em recompensa, pra compensar o atropelo que ele fez em cima da minha. E aí ele não fez, ele pichou e não colocou a presença pra mim. Aí, da outra vez que eu vi ele, não conversei não, soquei nele e ficou por isso mesmo. Agora, com o outro, com essa outra [pichação] que na época era o ABI, FDP e GDT, esse outro acontecia já foi ali no Alto Vera Cruz. Foi por causa de pichação também. Aí o [beltrano] tomou um tiro e está paraplégico, por causa de pichação (...).”

“Já teve caso de guerra por causa da pichação, mas não chegou a levar à morte. Mas troca de tiro, menino tomar surra, [isso] já. E ameaça. Recentemente, com esse movimento da praça, alguns traficantes chegaram a anunciar que ia pichar essa parte e que ia tomar. Foram ameaças indiretas, mas meio que não inibiu não (...).”

“O outro quer ser conhecido mais que o outro, aí não tem jeito. Tem uns grupos aí que é um povo de fora, que é uns contra os outros, é ‘treta’. Os Piores de Belô contra os Melhores de Belô”.

“[Tem] os Melhores de Belô e tem os Piores de Belô. Aí é um contra o outro. Um querendo pichar mais que o outro. Quem pichar mais [é] que está dominando a cidade toda (...).”

A pesquisa de campo possibilitou observar a relevância dos conceitos tratados neste capítulo. Sendo assim, destaca-se a construção dos grupos no Conjunto Taquaril como um processo de constituição de identidades. Os laços estabelecidos entre os jovens – o nome do grupo escolhido e a promoção de festas – fortalecem o vínculo criado entre os membros numa perspectiva de obter reconhecimento social dentro da própria comunidade. O lugar ocupado por um pichador propicia-lhe destaque neste contexto. Sendo o Conjunto Taquaril considerado uma favela, a formação de grupos para a prática da pichação se torna objeto de intervenção, na medida em que estes jovens resolvem seus conflitos através da violência. Além dessa noção, a cidade abriga um espaço de disputas e confrontos entre os pichadores, destacando-se aquele que “detona” em um maior número de patrimônios públicos, muros etc. O paradigma de oposições – “dentro” e “fora”, integrado e não-integrado – busca na cidade uma forma de expressão da marginalização. No entanto, vale ressaltar, o desenho dos programas sociais deve enfatizar suas atenções no atendimento aos pichadores como público-alvo, visando prevenir os atos de violência e a criminalidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das exposições feitas nesta monografia é possível concluir que os grupos de pichadores no Conjunto Taquaril se identificam pelos laços de proximidade, parentesco e moradia, demarcando um território de atuação dentro da própria comunidade. De acordo com os relatos dos jovens e dos moradores, o grupo PAM possui um maior número de rabiscos na comunidade e nos trajetos da cidade em comparação ao grupo BDJ. Além dessa atuação, os jovens do PAM são reconhecidos pela comunidade através de sua forma de atuar. Durante a madrugada, esses jovens se encontram em frente à casa de um dos moradores do Conjunto, marcando no muro os nomes dos membros, consumindo drogas e discutindo as áreas de atuação. Como as políticas sociais são implantadas, em sua maioria, no Taquaril B – por constituir uma infra-estrutura adequada para a implantação das instituições – os moradores do Taquaril A não possuem acesso aos dispositivos públicos, influenciando nos números de atendimentos aos jovens do local. O contexto descrito provoca um sentimento de impotência por parte dos moradores, dificultando a relação com a juventude.

O BDJ atua no Taquaril B para fazer com que os moradores desta região reconheçam os jovens deste grupo. Diferentemente do PAM, o BDJ se encontra na casa de um dos membros do grupo para fazer uso de bebidas alcoólicas. Eles praticam a pichação para deixar a marca do grupo. Enquanto o PAM atua também na cidade e os pichos são estilizados, o BDJ atua principalmente na comunidade, deixando a marca do grupo para mostrar que são reconhecidos pela promoção de festas. Os relatos apontam para uma condição de infraestrutura social mais favorável aos jovens do BDJ, possibilitando-lhes acesso à educação, saúde e geração de renda – já que tais dispositivos públicos estão concentrados na região do Taquaril B. Pela coleta de dados é possível verificar que os jovens do BDJ possuem empregos, formais ou informais, e um nível de escolaridade alta, ao passo que alguns dos jovens do PAM trabalham informalmente como ajudantes de pedreiro e os outros não possuem renda. Ainda sobre o PAM, a maioria dos jovens entrevistados não está matriculada na escola, o que impossibilita sua ascensão profissional e social.

Para o PAM, o reconhecimento e a visibilidade social se manifestam pela quantidade de pichos marcados e pelos conflitos estabelecidos na comunidade. Na medida em que os jovens praticam a pichação e provocam atos de violência advindos daí, eles estão convocando a comunidade e os programas sociais a lhes reconhecer o lugar que ocupam. No entanto,

através dos relatos, é possível constatar que os jovens do PAM cumpriram Medida Socioeducativa (ou ainda estão no cumprimento dela), o que provoca uma percepção dos técnicos para esta situação. Em contrapartida, o relato dos jovens do BDJ demonstrou que a facilidade de acesso ao Taquaril B provoca uma presença maior de policiais, impossibilitando a atuação dos pichadores com maior frequência.

Como o programa Fica Vivo! está localizado no Taquaril B, e as oficinas de esporte, cultura e geração de renda se concentram nesta região, os jovens pertencentes aos diversos grupos convivem sem conflitos. A primeira estratégia de intervenção junto aos pichadores do Taquaril foi reunir os moradores considerados referência no bairro – de modo que pudessem facilitar a aproximação com os jovens – para, depois, possibilitar a criação de um vínculo que consolidasse a intervenção realizada através do programa *Praça Viva, Cidadania Ativa*. A implantação da Oficina de Grafite possibilitou o acesso dos jovens do Taquaril A para uma discussão sobre essa cultura. Os jovens que não participavam da oficina ficavam conversando em frente ao local onde ela era oferecida, facilitando os encaminhamentos para que as instituições necessárias pudessem atendê-los e provocando outras identificações para além das práticas infracionais e criminosas.

O reconhecimento e a visibilidade social são sustentados pelos nomes dos membros e do grupo através da pichação. Estas marcas provocam a formação de uma constituição de identidades, pois é através do grupo que o indivíduo constrói sua posição de sujeito. Neste sentido, os nomes marcados na comunidade e na cidade provocam o reconhecimento destes jovens entre os moradores do bairro e entre outros grupos de favelas. Sendo assim, o grupo fornece a construção de uma identidade para estes jovens, considerando a proximidade entre eles e a identificação com o local de moradia: Taquaril A ou Taquaril B.

Deve ser levado em consideração que a apropriação do Conjunto pelos moradores se deu de maneira irregular. Sendo assim, a história e os valores de cada região se diferenciam, proporcionando uma delimitação do local pela própria juventude. Os grupos disputam o poder de atuação na região através das festas e das marcas de pichação, gerando atos de violência como efeito dessa competição. A comparação entre os grupos foi perceptível nos relatos colhidos durante a pesquisa de campo – é como se o grupo existisse em função da atuação de outros jovens na região. Então, a divisão territorial marcada pelos jovens provoca na comunidade uma separação que impossibilita a mobilização social, dificultando a implantação de políticas sociais e a participação dos moradores nas intervenções propostas para o local. Durante a execução de projetos na comunidade, a dificuldade estava estampada nos fóruns comunitários e sociais – através da demarcação imposta pelos grupos e sustentada pela

comunidade. Os moradores do Taquaril A não circulam pelo Taquaril B, e vice-versa, o que provoca dificuldades na busca de uma melhor coesão social.

Através da pesquisa de campo também foi possível observar que a pichação é uma manifestação social, ocorrida a partir da atuação dos jovens em busca de sua inserção no discurso da cidade e pelo direito ao espaço. É necessário considerar que o Conjunto Taquaril está situado numa região periférica, o que impossibilita o acesso de muitos jovens às ofertas da cidade. Mais precisamente, as marcas de pichação do grupo PAM recobrem o espaço público da cidade com o objetivo de disputar a visibilidade que essa atuação provoca. As pichações daqueles jovens estão ressignificando a metrópole pela cultura popular. A comunicação entre os pichadores se consagra através dos muros – considerado como o único espaço que não exclui idéias e nem o reconhecimento de um nome. Assim, vista como uma manifestação marginalizada, a pichação é absorvida pela própria sociedade que a exclui.

Ao pichar as moradias da comunidade e dos bairros vizinhos, deixando marcas de sua presença em um determinado local, os pichadores propiciam um reconhecimento da sociedade através da provocação que eles próprios fazem. Para os pichadores interessa aparecer dada a possibilidade do reconhecimento, tornando-se foco da percepção. A rotulação dos jovens enquanto desviantes da ordem social também não é aceita por todos, o que gera discordância entre os membros da sociedade e provoca os processos políticos.

Salienta-se, então, a perspectiva da implantação de políticas sociais para esse público, uma vez que a prática da pichação pode vir a desenvolver na sociedade uma nova forma de percepção estética (incluindo aí os jovens), a fim de contribuir para a construção de uma identidade que leve em conta as características dessa arte – considerada como excluída por muitos. O formato dos programas sociais pode introduzir outros modos de atuação, modos que busquem a constituição do sujeito e também sua relação com a cidade. A política de base territorial sugere uma aproximação com a juventude para que sejam desenvolvidas estratégias de participação, tanto dos jovens quanto da comunidade, na construção de projetos locais.

Referências Bibliográficas:

ATHAYDE, Celso; SOARES, Luiz Eduardo; MV BILL. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 195 p.

BIGNOTTO, Newton. *Entre o público e o privado: aspectos do debate ético contemporâneo*. In: DOMINGUES, I. et al. *Ética, política e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 282.

BOUDON, Raymond. BESNARD, Philippe. CHERKAOUI, Mohamed. LÉCUYER, Bernard-Pierre. *Dicionário de Sociologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

CARNEIRO, Carla Bronzo Ladeira. *Território como categoria de análise e como unidade de intervenção nas políticas públicas*. In: FAHEL, Murilo; NEVES, Jorge Alexandre (orgs.) *Gestão e avaliação de políticas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2007, p. 91-114.

CEARÁ, Alex de Toledo, DALGALARRONDO, Paulo. *Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação*. In: Psicologia USP, 19, n.3, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

COURA, Claudinéia Pereira. *Juventude e segregação urbana: um estudo de trajetórias e representações sociais no Conjunto Taquaril*. Disponível em: <<http://web.observatoriodasmetrolopes.net/>>. Acesso em: 15 fev. 2010.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação, n.24, p.40-52, set/out/nov/dez, 2003.

DEMO, Pedro. *Introdução à sociologia: Complexidade, Interdisciplinaridade e Desigualdade Social*. São Paulo: Editora Atlas, 2002. 384 p.

ERIKSON, E. H. (1972). *Identity, Youth and Crisis*. New York: Norton, 1968. [Trad. port. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.]

FEIJÓ, M. C; ASSIS, S. G. *O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e suas famílias*. In: Estudos de Psicologia, vol.9, n.1, Jan./Abr., Natal, 2004.

FELISETTE, Marcus Corrêa de Mello. *Pichação: escrita, tipografia e voz de uma cultura na cidade de São Paulo no século XXI*. In: XVIII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2006, São Paulo: ANPUH/SP – ENESP/ Assis. Cd-rom.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. 158 p.

GOMES, Paulo César da Costa. *Estranhos Vizinhos: o lugar da favela nas cidades brasileiras*. Anuário Americanista Europeu, Paris, França, v. 1, n. 1, p.171-178, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

LACLAU, E. *New Reflections on the Resolution of our Time*. Londres: Verso, 1990.

LACLAU, Ernesto. *Inclusão, exclusão e a construção de identidades*. In: Amaral Jr, Aécio.; Butity, Joanildo A. (orgs.). *Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social*. São Paulo: Annablume, 2006. 328 p.

LIPORONE, F.; SILVA, M. G.; Silva, A. M. *O universo dos pichadores na metamorfose do espaço urbano: algumas considerações a respeito das pichações nos ônibus do transporte coletivo de Uberlândia-MG*. In: II SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2003, Uberlândia. *Perspectivas para o Cerrado no Século XXI*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia/ Instituto de Geografia, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da periferia ao centro: pedaços e trajetos*. In. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 191-203.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?*. In. Cadernos de Campo. Departamento de Antropologia, USP, ano 2, nº 2, 1992 (b), São Paulo.

McGREW, A. *"A global society?"*. In: Stuart Hall; David Helde e Tiny McGrew (orgs.). *Modernity and its futures*. Cambridge: Polity Press/Open University Press, 1992, p. 61-116.

MELUCCI, A. *Challenging codes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

NAIFF, L. A. M.; NAIFF, D. G. M. *A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência*. Estud. Pesqui. Psicol., dic. 2005, vol. 5, nº.2, p. 107-119.

OBERSCHALL, Anthony. (1973), *Social Conflict and Social Movements*. Englewood Cliffs, NJ, Prentice Hall.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. *Representações Sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 53-72, jun. 2004.

PENNACHIN, Débora Lopes. *Signos Subversivos: das significações de graffiti e pichação / Metrópoles contemporâneas como miríades sígnicas*. (UFMG) INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação – XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH / MG – 2 a 6 set. 2003.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Grafite, Pichação & Cia*. São Paulo: ANABLUME, 1994.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. *Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos*. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SOUZA, David da Costa Aguiar. *Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, 2007, Recife.

VALENZUELA, José Manuel Arce. *Vida de Barro Duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

http://www.favelaeissoai.com.br/comunidades_mostra.php?cod=6 Acesso em: 05 mar. 2010

http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410784_06_cap_03.pdf Acesso em: 05 mar. 2010

www.bhtrans.pbh.gov.br Acesso em: 02 abril. 2010

<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/images.do?evento=imagem&urlPlc=destaque_leste.JPG
> Acesso em: 02 abril. 2010

<http://maps.google.com.br/maps?um=1&hl=pt-BR&q=conjunto%20taquaril&ndsp=18&ie=UTF-8&sa=N&tab=il> Acesso em: 02 abril. 2010

ANEXOS

Roteiro para entrevista com os pichadores:

Nome:

Idade:

Localidade que o jovem reside:

Escolaridade:

Ocupação:

Renda familiar:

Estrutura familiar:

- 1- Como você se ingressou no grupo de pichadores?
- 2- Como este grupo se formou?
- 3- Qual o motivo que te levou pichar?
- 4- De qual forma os atos de pichação são praticados? Em grupo ou individual?
- 5- Com qual objetivo você e/ou seu grupo praticam a pichação?
- 6- Você se encontra com o grupo para discutir como será praticada a pichação?
- 7- Como você e/ ou seu grupo escolhem os locais a serem pichados?(Solicitar que explique o porquê da escolha destes locais).
- 8- Como você percebe a sua relação com a comunidade?
- 9- Você já teve algum conflito com a comunidade em função da pichação?
- 10- O que você e/ou seu grupo picham? (frases, palavras, símbolos, etc). A comunidade entende o que essas palavras significam?
- 11- Qual a sensação que a pichação te provoca?
- 12- Qual o horário que você e/ou seu grupo picham?
- 13- Como você e/ou seu grupo consegue materiais para a pichação?
- 14- Você já dedicou algum picho às mulheres?
- 15- A polícia já “pegou” você ou algum membro do seu grupo pichando? (Solicitar para descrever este contexto). Na sua opinião como se dá a relação da polícia com esta prática?
- 16- Como é a relação do seu grupo com outros grupos da comunidade?

Roteiro para entrevista com os moradores:

Nome:

Localidade que o morador reside:

Ocupação:

- 1- Quais os grupos de pichadores no Taquaril?
- 2- Quando e como se deu a formação destes grupos?
- 3- Na sua percepção, porque os jovens estão praticando a pichação?
- 4- Qual a sua relação com os jovens pichadores?
- 5- A pichação está relacionada com outros crimes praticados pelos jovens? Quais?
- 6- Quais os locais que os jovens preferem pichar?
- 7- Qual a relação da comunidade com os jovens integrantes destes grupos?
- 8- Algum morador já teve algum conflito com estes jovens?
- 9- Quais os pichos predominantes na comunidade?
- 10- Como a comunidade sente mediante tantos muros pichados?
- 11- Qual a relação da polícia com estes jovens?
- 12- Como está a relação entre os grupos de pichadores no bairro?

Relação de entrevistados:

Junio, JMS, 30 anos, 20/07/09

Nilo, NCSL, 22 anos, 03/08/09

Geraldo, GRA, 44 anos, 04/08/09

Wellington, WPS, 25 anos, 24/08/09

Fernanda, FJM, 19 anos, 14/09/09

Wesley, WRO, 21 anos, 21/09/09

Tiago, TSS, 21 anos, 21/09/09

Pedro, PHSS, 24 anos, 28/09/09

Anderson, AAF, 17 anos, 01/10/09

Fábio, FSF, 19 anos, 01/10/09

Marcus, DDO, 15 anos, 04/10/09

Kennedy, 13 anos, 04/10/09